

1. Lógica produtiva e organização espacial:

Com relação à lógica produtiva e a organização espacial, a produção do espaço urbano deve sempre levar em conta a formação do urbano a partir das atividades de produção. A produção “constitui sempre um corpo social, um sujeito social, que atua num conjunto - mais ou menos vasto, mais ou menos rico - de ramos de produção” (MARX, 1859, p.02). Esses ramos de produção concreta espacializam-se e promovem o desenvolvimento dos espaços urbanos. A organização do espaço se dá a partir de elementos geográficos naturais existentes e as diversas formas como a sociedade interage com eles, em diferentes períodos. Os objetos sociais são resultados dos processos de acumulação de atividades de muitas gerações, combinando objetos naturais e objetos fabricados. Cada processo de transformação na sociedade altera as relações econômicas, políticas e sociais em ritmos e intensidades variados. A organização espacial urbana, a partir do modo de produção capitalista, influi diretamente sobre a dinâmica urbana e sua relação com a sociedade.

Milton Santos compreendeu o espaço como produção do homem na relação com a natureza e a intermediação da técnica, correspondente a um tempo histórico determinado. Para Santos, "o homem vai impondo à natureza suas próprias formas, a que podemos chamar de formas ou objetos culturais, artificiais, históricos" (SANTOS, 1988, p.89). Estes elementos que são resultado da cultura fazem com que a natureza se torne mais humanizada. “O processo de culturalização da natureza torna-se, cada vez mais, o processo de sua tecnificação” (SANTOS, 1988, p.89). As técnicas se incorporam à natureza que fica cada vez mais socializada que, cada dia mais, é o resultado do trabalho humano. Os indivíduos trabalham cada vez mais conjuntamente, ainda que disso não se apercebam. “No processo de desenvolvimento humano, não há uma separação do homem e da natureza. A natureza se socializa e o homem se naturaliza” (SANTOS, 1988, p.89). O ambiente existe socialmente a partir da maneira como os grupos o concebem e se apropriam pelas técnicas, historicamente, definidas.

Manuel Castells, ao falar sobre a estrutura urbana, destaca a importância de não considerar a cidade apenas como a projeção da sociedade no espaço. Os homens estabelecem *relações sociais determinadas*, que dão ao espaço (bem como aos outros elementos da combinação) uma forma, uma função, uma significação social. “Portanto, ele não é uma pura ocasião de desdobramento da estrutura social, mas a expressão concreta da cada conjunto histórico no qual uma sociedade se especifica” (CASTELLS, 1983, p.146). Assim, não há como fazer uma teoria do espaço sem considerar a teoria social geral. “O espaço urbano é estruturado, ele não está organizado ao acaso, e os processos sociais que se ligam a ele exprimem os determinismos de cada tipo e de cada período da organização social” (CASTELLS, 1983, p.146).

A estruturação do espaço urbano é efetuada a partir do papel que desempenha na lógica geral do processo de acumulação em determinado período histórico. Henri Lefebvre considera a industrialização como o ponto de partida para compreender a problemática urbana sob o regime capitalista, afinal é a partir da produção fabril que se organiza a concentração da população em alguns pontos do espaço. Ocorrem então duplos processos: industrialização e urbanização, crescimento e desenvolvimento, produção econômica e vida social. Processos esses que interferem na dinâmica urbana das cidades, visto que “a industrialização não produz apenas empresas (operários e chefes de empresas), mas sim *estabelecimentos* diversos, centros bancários e financeiros, técnicos e políticos” (LEFEBVRE, 1991, p.09). Em Blumenau, a dinâmica industrial organizou a vida produtiva e social, marcou a cultura e deixou traços persistentes na paisagem local.

2. Cultura, meio e paisagem:

A cultura oferece aos homens os meios de apropriação dos ambientes, aí imprimindo suas características com a mediação das técnicas existentes, que resultam nas paisagens culturais que se desenvolvem com tempo. Imigrantes alemães, adaptando-se às condições locais, dão lugar a uma nova cultura, teuto-brasileira, que mantém ou transforma traços lingüísticos ou comportamentais de forma diferente de sua evolução no país originário. A cultura só existe quando é transmitida, utilizada, enriquecida, transformada (ou não) e difundida. É imprescindível ao indivíduo, pois permite sua inserção no meio social, dá significação à sua existência e aos seres que formam sua sociedade (na qual se insere). Desempenha diferentes papéis ao longo da vida, porque os fatores culturais também evoluem constantemente. Em Blumenau, “a concentração relativamente isolada dos núcleos, acrescida da necessidade de suprir as carências do serviço público, incentivou organizações coletivas dos colonos, facilitando a manutenção dos costumes e da língua alemã” (SEYFERTH, 2000). A partir destas organizações comunitárias estabeleceram-se diversos serviços institucionais, como escolas, serviços médicos, associações beneficentes, assistenciais, culturais e esportivas, que muito contribuíram para a fixação da cultura teuto-brasileira. Nos meios humanizados, o ambiente torna-se um componente da cultura, que ajuda a transmitir, mas que contribui a fixar. “Os grupos humanos transformam os meios naturais onde se instalam. (...) A paisagem humanizada (cultural) toma diversas formas que refletem as escolhas e os meios de diferentes culturas” (CLAVAL, 1999, p.287).

O espaço humanizado é organizado para os grupos viverem como lhes convém num contexto cultural dado. Os indivíduos dividem seu tempo basicamente entre seu grupo doméstico (geralmente familiares) e suas atividades profissionais, que não deveria ser muito distante do domicílio. Porém, a aceleração dos transportes públicos e individuais transformou a distribuição das atividades e dos homens: a dissociação da relação entre domicílio e trabalho torna-se possível ou traduz-se por novas formas de espaço humanizado. Quanto maior a distância entre as relações, menos é a continuidade nas relações físicas, pessoais e de serviço. Em Blumenau o maior exemplo de como a cultura se afirmou em diferentes espaços, e neste caso fortalecido pela proximidade entre a residência e o trabalho, foram os bairros que se desenvolveram em função da implantação de uma indústria, que devido ao afastamento do núcleo central da cidade, desenvolviam bairros com grande infra-estrutura e maior independência da área central.

Com relação à Blumenau, fica claro a ação do capital sobre a paisagem, modo de viver e cultura nos núcleos urbanos mais antigos. As principais vias e espaços históricos já se descaracterizaram há muito tempo, num processo contínuo de apropriação espacial por parte do capital privado e de descaracterização do ambiente construído. Porém, Blumenau preserva ainda, em boa parte, o acervo material e social constituído por mais de um século de desenvolvimento, devido a uma estreita e confundível relação entre o ambiente de produção e o ambiente urbano, que reflete também no desenvolvimento das relações sociais. São bens patrimoniais dessa relação: a influência da cultura trazida pelos imigrantes alemães, os locais escolhidos para a implantação de seus estabelecimentos industriais, as formas de apropriação destes espaços, a relação entre produção e natureza estabelecidas no início, o desenvolvimento e a evolução desses conjuntos arquitetônicos e urbanísticos, as formas de adaptação dos edifícios e suas ampliações ao sítio físico e as sucessivas tecnologias dos maquinários, que marcam as diferentes fases da industrialização local e estão representados nas paisagens culturais resultantes destes processos. As relações sociais constituídas nestes espaços estão representadas, de certa forma, nas últimas casas das vilas operárias (que estão desaparecendo na paisagem urbana) e nos equipamentos urbanos e sociais também derivados desta relação, como Igrejas, cemitérios, centros de saúde, centros de esporte, lazer e cultura.

3. Memória urbana:

Memória urbana não é a memória da cidade, pois a cidade não tem memória e nem capacidade de lembrar se seus indivíduos ou de seus grupos. É sim, o estoque de lembranças que estão eternizadas na paisagem ou nos registros de um determinado lugar. Lembranças essas que devem ser objetos de reapropriação por parte da sociedade. A história de determinado lugar é a história de seus espaços, seu modo de apropriação, suas alterações e suas paisagens culturais, disso resultantes. A memória urbana se forma a partir das memórias coletivas, que para adquirirem a verdadeira dimensão temporal e espacial, necessitam remeter a um cotidiano vivido por um grupo de pessoas num mesmo lugar.

Apesar de a memória ter uma dimensão individual, a maioria de seus referenciais são sociais, que definem justamente a memória intersubjetiva, compartilhada ou coletiva. Maurice Halbwachs (1990) considera que toda a memória coletiva se desenvolve num quadro espacial, que é dinâmica (está em constante transformação) e dá destaque aos momentos de ruptura, de quebra de tradições, que embora possa ser curto, pode redefinir todo o quadro social das memórias de uma coletividade. Por isso é necessária uma rápida advertência, antes que seja irreversível, com relação ao atual momento de ruptura que o processo de reestruturação industrial estabelece com a coletividade e a dinâmica urbana existentes nas indústrias têxteis da cidade de Blumenau, seus espaços, seu entorno e demais áreas de influência.

Halbwachs (1990) considera memória coletiva como o conjunto de lembranças constituídas socialmente e referenciadas a um conjunto que transcende o indivíduo. Não pela aderência de um indivíduo a um determinado espaço, mas pela aderência do grupo do qual ele faz parte àquele mesmo espaço. Espaço em que se habitou, trabalhou ou viveu e que foi compartilhado por uma coletividade durante certo tempo, como a sua residência, a rua, o comércio, o bairro ou o local de trabalho. Pode ser ainda definido como um hábito, ou seja, um mecanismo motor e cultural, cotidianamente presente na vida de indivíduos e grupos, estruturador das práticas sociais necessárias ao convívio em grupo.

Os espaços de lazer têm importância fundamental na composição da memória coletiva, na memória do social. Apesar de ser uma escolha individual, após ter realizado suas obrigações, o lazer é um momento em que se podem socializar diversos interesses, mas para isso, é necessário que existam lugares para isso. Em Blumenau, e no Brasil de forma geral, existe uma carência desses espaços, pois as políticas “homogeneizadoras” baseadas no valor de troca tratam apenas de facilitar a implantação do lazer privado, ao invés de projetar e dar manutenção e suporte aos espaços que deveriam ter valor de uso. Segundo Parker (1978), atividades de lazer permitem alargar fronteiras de seu mundo, intensificar suas comunicações com novos grupos e melhorar a percepção de seu entorno. Blumenau possui poucos espaços públicos para o lazer, e os que eram assim utilizados anteriormente, passam por sucessivas implantações de usos privados nas áreas públicas, que não deixa de ser uma privatização do espaço público. Grande parte da memória coletiva blumenauense, principalmente dos antigos trabalhadores das empresas têxteis, está vinculada aos espaços de lazer oferecidos pelas associações recreativas, desportivas e culturais das empresas, que por muito tempo substituíram a responsabilidade do poder público neste sentido.

Regiões de produção industrial, marcadas pela crise econômica e modificações nas formas de trabalho, “deixam atrás de si objetos, signos e vestígios vivos de uma cultura técnica. Essa arqueologia industrial, ameaçada de desaparecimento pelo próprio ritmo de inovação tecnológica, clama por uma nova concepção de patrimônio” (JEUDY, 1990, p.07). Enfatizar a questão da memória, mantendo signos e atividades vivas, que sujeitas à temporalidade, podem sofrer alterações ou não, é uma forma de manter a dinâmica da vida do local. O cenário não fica sendo apenas uma realidade desaparecida, mas adquire vida própria. Memória serve como forma de conservação, continuação e divulgação da Cultura.

4. A constituição da paisagem urbano-industrial e a da memória urbana de Blumenau:

Blumenau pode ser analisada em cinco fases distintas, considerando uma periodização da evolução urbano-industrial, referentes aos ciclos migratórios, fases industriais e à forma de implantação industrial e apropriação da paisagem natural. O primeiro foi o período de colonização, que ocorreu entre 1850 e 1880, caracterizado pela escolha do sítio físico para a implantação de uma colônia agrícola privada, adaptação ao meio existente e a luta pela defesa e sobrevivência do núcleo isolado. O segundo foi o período da primeira fase de industrialização, que ocorreu entre 1880 e 1915, caracterizado por um período de acumulação, pelo progresso da capacidade produtiva das empresas nascentes e que foi o ponto de partida para a urbanização e o desenvolvimento da cidade em diversos pontos dispersos. O terceiro foi o período da segunda fase da industrialização, que ocorreu entre 1915 e 1945, caracterizado pelo desenvolvimento do setor industrial, comercial e populacional existentes, chegada de novos imigrantes alemães após a I Guerra mundial e a introdução de novas dinâmicas urbanas, baseadas na disponibilidade de energia elétrica, na implantação da malha ferroviária e na expansão da urbanização do núcleo central. O quarto foi o período da expansão da cidade industrial, que ocorreu entre 1945 e 1980, caracterizado pelo crescimento do poder econômico, do número de fábricas e do volume de produtos, após a chegada de novos imigrantes qualificados após a II Guerra Mundial e incentivado pelos planos de nacionalização impostos pela ditadura militar para a retomada do crescimento e desenvolvimento da indústria nacional a partir da década de 1960. O quinto é o período caracterizado pela crise do setor têxtil a partir dos anos 1980, onde as empresas foram compelidas a processos de reestruturação industrial na década de 1990 que tiveram reflexos no ambiente econômico e social da cidade e promoveram o abandono de imóveis de grande importância arquitetônica e urbanística.

Colônia (1850-1880)

Blumenau, apesar de inicialmente ser um empreendimento particular de colonização em 1850, é fruto da política de colonização européia do Governo Imperial, que necessitava de mão-de-obra livre e assalariada para substituir o trabalho escravo (fim do tráfego negreiro em 1850), clarear a população brasileira e ocupar estrategicamente o Sul do país que ainda se encontrava em disputa com a Espanha, com o aval da Lei das Terras de 1850, que transformou o solo em mercadoria, ou seja, a Colônia particular do alemão Dr. Hermann Bruno Otto Blumenau nasce diretamente das relações capitalistas que estavam sendo introduzidas no país. O fator determinante para a escolha do local para a implantação da Colônia foi o último ponto navegável do Rio Itajaí-Açú, onde pudesse instalar um porto para conectar sua Colônia com o litoral e o mundo. O núcleo central começou a se desenvolver a partir do local do antigo porto fluvial, na foz do Ribeirão Garcia.

O traçado urbano inicial foi feito por Henrique Krohberger, um engenheiro agrimensor que dirigia os serviços técnicos da colônia, ou seja, é resultado entre a adaptação ao relevo encontrado e as experiências e cultura trazida pelos imigrantes. Os núcleos agrícolas foram fundamentais para este traçado, que passou a ser urbano e que permanece como elemento estruturador do espaço até hoje. O plano urbano inicial seguia os caminhos por onde os colonos transitavam, paralelamente ao longo dos cursos d'água, nas baixadas e planícies. A partir dessa espinha de peixe dorsal, foram sendo implantadas perpendicularmente novas espinhas secundárias, geralmente a partir de um ponto central de maior importância, como a casa comercial ou de crédito. Analisando a cultura dos planos urbanos que estruturavam as aldeias alemãs, fica evidente que o traçado urbano de Blumenau segue a lógica do *Strassendorf*, que era o traçado utilizado na Alemanha para fazer a ligação entre duas aldeias.

A estrutura inicial era minifundiária, baseada na policultura de subsistência e no trabalho familiar, exatamente ao contrário das características do restante do país, que possuía uma economia agro-exportadora baseada em latifúndios, monocultura e trabalho escravo. Os núcleos agrícolas se encontravam dispersos, como se fossem pequenas aldeias interligadas pelos caminhos principais, traçados ao longo dos cursos d'água. Os agricultores trocavam seus excedentes por mercadorias ou deixavam em consignação nas casas comerciais. As relações capitalistas iniciadas com a venda dos terrenos aos colonos, foram reforçadas pela introdução das casas comerciais que estabeleceram a relação de compra e venda entre os colonos agricultores e o comércio local num primeiro momento e regional depois de certo período. Dessas mesmas casas comerciais, se originaram as primeiras indústrias de beneficiamento agropecuário. Logo, a produção do excedente foi transferida para o capital comercial iniciando um período de acumulação que logo se transferiu para o capital industrial (MAMIGONIAN, 1965).

Primeira fase de industrialização (1880-1915)

A indústria manufatureira só vai iniciar suas atividades posteriormente, com a chegada de novos imigrantes vindos de regiões que já haviam iniciado o processo de industrialização na Alemanha, deixando de lado a idéia de ser uma colônia agrícola para iniciarem as atividades da indústria têxtil. A produção industrial em Blumenau tem início em 1880, cerca de meio século mais tarde que na Alemanha, e pouco mais tarde que no Sudeste do Brasil. Blumenau recebeu imigrantes alemães vindos de zonas que estavam se adaptando às novas tecnologias e ao modo de viver industrial, visto que a industrialização alemã foi tardia em relação a outros países europeus. Esses imigrantes foram capazes de promover o desenvolvimento industrial, isolado, longe do mercado fornecedor de matéria prima e consumidor que estava ainda se formando na região Sudeste. Alguns processos caracterizaram a formação das primeiras fábricas têxteis pela região: empresa familiar (Hering), associação entre tecelões, colonos e comerciantes (Roeder, Karsten & Hadlich) e firmas criadas diretamente por comerciantes (Renaux) que combinavam a capacitação técnica com o trabalho assalariado (PIMENTA, 1996).

As indústrias têxteis de Blumenau estão diretamente relacionadas com o desenvolvimento sócio-econômico e cultural da cidade. A lógica de implantação das indústrias nascentes obedece a alguns critérios. A força motriz hidráulica para a geração de energia, a facilidade de aquisição de grandes terrenos próximos aos pequenos núcleos agrícolas fornecedores de mão-de-obra e a facilidade de deslocamento pelas vias já existentes determinaram essa implantação em Blumenau. Os empresários instalaram suas fábricas às margens dos principais ribeirões (energia) e próximos aos pequenos núcleos agrícolas (mão-de-obra), pois ainda contavam com a vantagem do operário-colono (MAMIGONIAN, 1965). O caráter disperso da indústria local foi fundado, num primeiro momento, pela localização das unidades fabris próximo às propriedades agrícolas dispersas nas baixadas dos fundos de Vale e reforçado pela utilização do sistema de acumulação baseado no trabalho do operário-colono, que combinava a jornada na fábrica com a produção agrícola, contribuindo assim para um rebaixamento dos custos industriais (PIMENTA, 1996). Aos poucos, os colonos descontentes migravam para as áreas urbanas, incrementando a atividade artesanal diversificada e a pequena indústria familiar artesanal, com mão-de-obra familiar e poucos empregados no início e maior grau de industrialização no final do século XIX (SEYFERTH, 2000).

A primeira unidade têxtil foi dedicada à produção de camisetas. Em 1880 foi fundada a primeira pequena tecelagem "*Trikotwaaren-Lager von Gebruder Hering*", localizada na principal rua comercial, a *Wurststrasse*, atual Rua XV de Novembro, com recursos técnicos rudimentares, mas com uma longa tradição familiar de tecelões. A tradição familiar vinha de

longa data, pois seus antepassados da Alemanha, sem distinção, foram tecelões ou mestres de tecelagem e malharia. Essa tradição foi constituída na região de Chemnitz, no Eleitorado da Saxônia, região de início da industrialização têxtil na Alemanha em 1830, exatamente meio século antes de se reproduzir no Brasil, neste caso, em Blumenau. Em 1893, os irmãos Hering mudaram a fábrica para o Vale do Ribeirão do Bom Retiro, localizado nas proximidades do da zona central da cidade, onde dispunham de força motriz hidráulica do Ribeirão do Bom Retiro e um terreno para suas futuras ampliações, fazendo com que o empreendimento experimental de 1880 tivesse ares de empreendimento industrial (Fonte: Cia. Hering).

Em seguida foram fundadas duas tecelagens, em pontos completamente opostos, porém com a mesma lógica de implantação: aproveitamento da força hidráulica (energia), dos caminhos existentes (transporte) e proximidade dos pequenos núcleos agrícolas existentes (mão-de-obra). A Karsten foi fundada em 1882, no Vale do Ribeirão do Testo, distante 20 km ao norte do centro de Blumenau, com nome de Roeder, Karsten & Hadlich, com teares adquiridos na Alemanha e uma pequena fição, da associação entre tecelões, colonos e comerciantes, respectivamente (Fonte: Karsten S.A.). Roeder se retira da sociedade em 1885 e funda uma outra tecelagem, no Vale do Ribeirão Garcia, localizado ao sul da região central. Em 1918 passa a se chamar Empresa Industrial Garcia (HERING, 1950, p. 186).

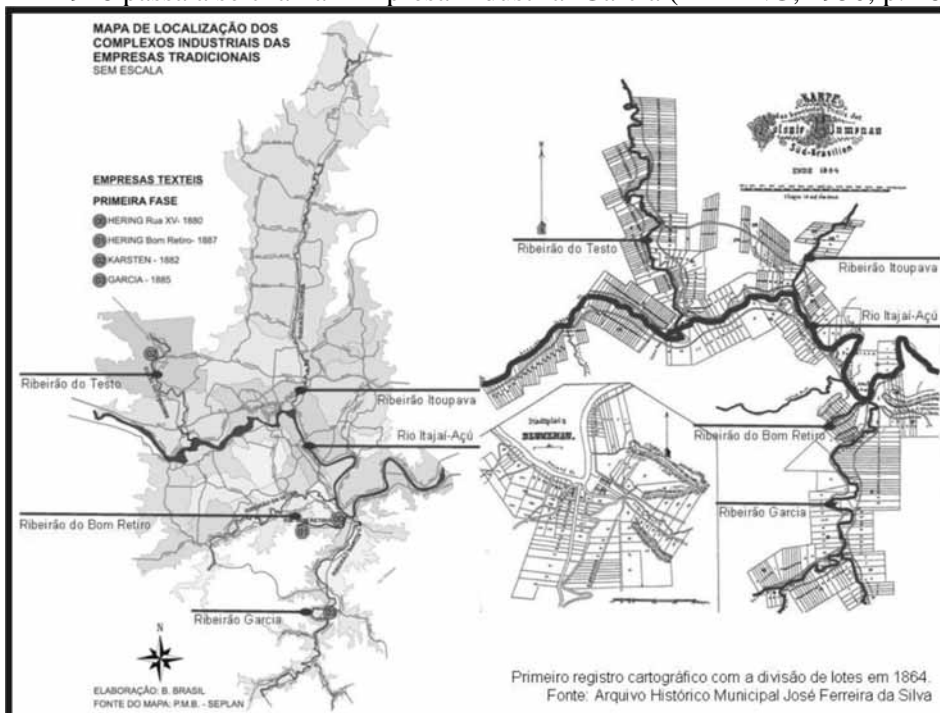


Imagem 01: Mapa de localização dos complexos industriais das empresas tradicionais da primeira fase de industrialização de Blumenau à esquerda (Fonte: Seplan, 2006) e o mapa com a divisão dos lotes coloniais em 1864, demonstrando a importância dos principais Ribeirões (Fonte: Arquivo Histórico Municipal José Ferreira da Silva). Elaboração: B. Brasil.

Segunda fase de industrialização (1915-1945)

O segundo período de industrialização ocorre no período entre a I e a II Guerra Mundial, com a consolidação das indústrias existentes já verticalizadas e independentes da importação internacional, o desenvolvimento de uma estrutura urbana com a introdução da energia elétrica, a implantação do primeiro trecho da malha ferroviária e com a chegada de numerosos imigrantes com experiência comercial e industrial a partir de 1919.

Em 1909 a produção de energia pela Hidrelétrica Busch, em 1910 a implantação do trecho inicial da estrada de ferro ligando Blumenau ao oeste do Vale do Itajaí e em 1914 a geração de energia pela empresa “Força e Luz”, demonstravam o desenvolvimento urbano para a consolidação de uma cidade, modificando também a lógica de implantação das próximas indústrias do segundo período de industrialização. A segunda fase da industrialização de Blumenau ocorreu no período entre guerras (1922-1936) e se espacializou principalmente na região da Itoupava Seca, próximo ao núcleo central inicial, o *Staadtplatz*, como se fosse a continuação ou a expansão desse núcleo, onde ocorreram os maiores investimentos privados e do poder público em infra-estrutura, como a pavimentação das vias existentes, a geração de energia elétrica na proximidade e a introdução da malha ferroviária exatamente neste local, que foi um grande vetor de desenvolvimento.

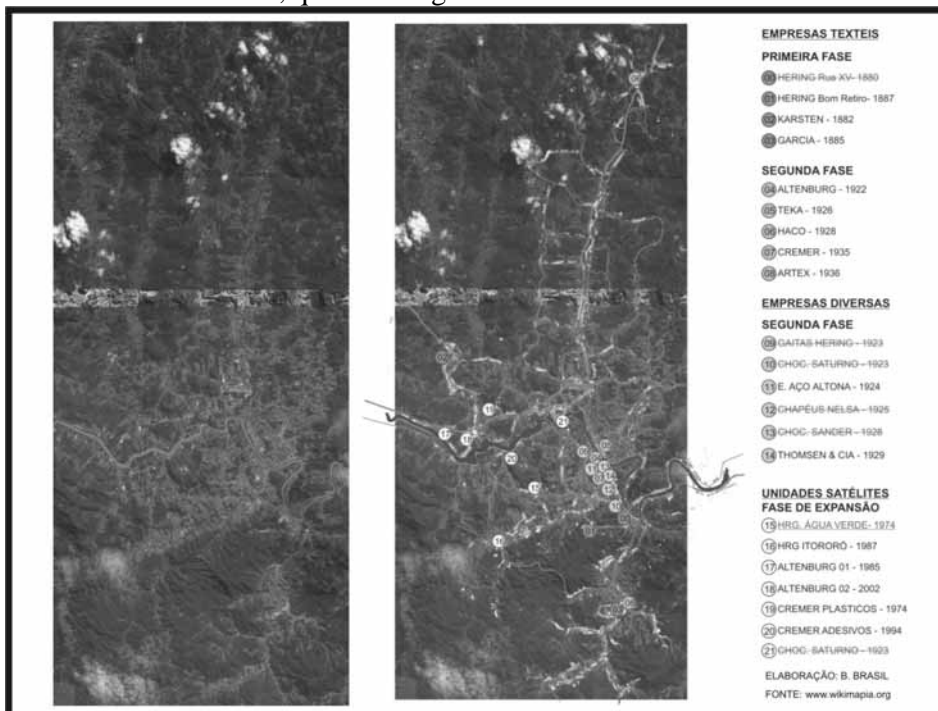


Imagem 02: Imagem aérea da cidade de Blumenau em 2008 e a localização dos complexos industriais das empresas tradicionais da primeira e da segunda fase de industrialização de Blumenau, demonstrando que houve uma grande concentração de empresas na Itoupava Seca nesse período (Fonte: www.wikimapia.org, 2008). Elaboração: B. Brasil.

Importantes empresas têxteis, ainda existentes, foram fundadas nesse período, como as empresas Altenburg Indústria Têxtil Ltda em 1922, Tecelagem Kuehnrich S/A (hoje, Teka) em 1926, Fábrica de Bordados e Cadarços Haco S/A em 1928 (localizada no distrito da Vila Itoupava), a W. S. Cremer S.A. em 1935 e a Fábrica de Artefatos Têxteis Artex S/A em 1936, localizada bem mais ao sul da cidade, no bairro Garcia, ao lado da E.I. Garcia, incorporando-a em 1974 e vendida ao Grupo Coteminas em 2000. Além dessas empresas têxteis, importantes empresas de outros setores foram fundadas neste período, como a Fábrica de Gaitas Alfredo Hering S/A e a Fábrica de Chocolates Saturno S/A em 1923, a fundição de ferro Auerbach & Werner em 1924 (hoje, Electro Aço Altona S.A.), a Fábrica de Chapéus Nelsa S/A em 1925, a Indústria de Chocolates Sander S/A em 1928 e a Rodolfo Thomsen & Cia Ltda em 1928, hoje Bebidas Thomsen Ltda (Fonte: Centenário de Blumenau. Blumenau: edição da Comissão dos Festejos, 1950, p.166).

Nessa lógica de implantação, perde-se a relação cultural entre o estabelecimento de produção fabril e o ambiente natural. No primeiro processo de industrialização existiu toda uma forma peculiar de apropriação desse ambiente natural por parte dos empresários

imigrantes, que ainda estavam se adaptando às condições e ao ambiente encontrado, para a formação de uma nova cultura, diferente à do país de origem. Essa forma de apropriação do ambiente natural encontrado, mediado pelas técnicas existentes e adaptadas ao local, contribuiu para fixar essa nova cultura teuto-brasileira. Ao contrário então, das paisagens culturais resultantes dessa relação entre estabelecimento industrial e ambiente natural do primeiro período de industrialização, o espaço urbano onde se implantaram a maioria das empresas do segundo período de industrialização não caracterizou nenhuma identidade ou fixou cultura. No primeiro período houve industrialização e urbanização simultaneamente, adaptando-se ao ambiente natural, enquanto no segundo período as empresas se localizaram no “Centro expandido” da cidade, já com certa urbanização, utilizando energia elétrica em vez de energia hidráulica e utilizando mão-de-obra dispersa em vez de local com a possibilidade de utilização do sistema ferroviário.

As vilas operárias foram instaladas nas proximidades das indústrias do primeiro período, devido ao fato de esses núcleos terem sido implantados em núcleos anteriormente agrícolas e serviram como o núcleo inicial do bairro em alguns casos. Nessa época os bairros apresentavam uma fácil leitura, a partir do sistema da espinha de peixe. As principais vias ficavam paralelas aos cursos d’água, formando a espinha dorsal. Nessa espinha dorsal se implantavam a indústria (elemento organizador deste espaço), os serviços, as residências mais ricas dos patrões, as residências médias dos técnicos e estavam equipadas com os serviços públicos mais importantes. Nas espinhas secundárias, a vila operária, geralmente composta por chalés de madeira. Residências essas que foram vendidas para seus operários através de negociações mais facilitadas, como foi o caso da E.I. Garcia, ou que foram simplesmente substituídas para a ampliação do parque fabril, como foi o caso da Cia. Hering no bairro do Bom Retiro, incentivando assim o crescimento do bairro da Velha, do outro lado do morro.

Com relação ao paternalismo dos patrões com seus funcionários, Armen Mamigonian coloca que é um fenômeno de origem germânica e que em Blumenau teve seu maior desenvolvimento principalmente antes da II Guerra Mundial. As empresas começaram a organizar vilas operárias, cooperativas de consumo, cooperativas de crédito, assistência médica, instalações esportivas, culturais e de recreação. Na verdade as empresas antecederam o amparo ao trabalhador, à legislação trabalhista. Na década de 1940 essa preocupação se mostra evidente devido ao crescimento das empresas e as condições favoráveis para se instalar esses benefícios, atendendo assim as reivindicações dos operários que também cresciam junto com o crescimento produtivo da empresa. Neste período o país completava o período de transição de uma economia agro-exportadora para uma economia industrial (MAMIGONIAN, 1999, p.19).

Expansão industrial (1945-1980)

Este período testemunhou o crescimento do poder econômico, do número de fábricas e do volume de produtos. O setor têxtil catarinense acompanha, de perto, todos os ciclos produtivos nacionais. Abastece, inicialmente, os mercados internos e aproveita os dois períodos de Guerras Mundiais para um rápido processo de acumulação, transformando as divisas em renovação do parque fabril e aumento de produtividade. Com relação a localização industrial deste período, em 1960, Mamigonian relata que já não se podia mais fazer distinção das aglomerações urbanas, pois eram residenciais e industriais ao mesmo tempo. O que o levou a constatar que não havia aglomerações urbanas antes das indústrias. Daí percebe-se a importância dessas indústrias na evolução urbana da cidade, temos aqui o maior exemplo de como industrialização e urbanização ocorreram simultaneamente em Blumenau, sempre obedecendo a uma lógica locacional relacionada ao determinado período histórico de sua implantação.

O período entre o final da II Guerra Mundial e a década de 1960 foi marcado pela substituição de importações de bens de consumos duráveis no país. Enquanto a indústria têxtil nacional cedia lugar nas prioridades governamentais a esses novos ramos dinâmicos da economia, a indústria têxtil Blumenauense continuava a todo vapor, com sua estrutura verticalizada produzindo em grande quantidade, alcançando o terceiro pólo do complexo têxtil / vestuário do país, beneficiando-se da melhoria de infra-estrutura nos setores de transporte e de comunicações, incentivado pelos planos de nacionalização impostos pela ditadura militar para a retomada do crescimento e desenvolvimento da indústria nacional. Com a desvalorização da moeda alemã, essas indústrias também puderam importar novos maquinários e investir na modernização de seus parques fabris.

Ao mesmo tempo em que as empresas Blumenauenses se modernizavam e avançavam no setor tecnológico, a urbanização ocorria da mesma forma pela cidade de Blumenau e a micro região do Vale do Itajaí. A Cia. Hering, por exemplo, instituiu um plano de expansão de suas atividades bastante ousado para a época, com a introdução de um sistema de unidades satélites de costura nos bairros mais populosos da cidade inicialmente e ampliando suas atividades por toda a região, como Indaial, Ibirama, Rodeio e Gaspar no Médio Vale do Itajaí, e Benedito Novo, Ascurra, Presidente Gertúlio, no alto Vale do Itajaí. Em 1964 a Cia. Hering foi a primeira empresa têxtil nacional a exportar seus produtos e em 1967 foi considerada a maior malharia da América Latina (Fonte: Cia. Hering).

Na década de 70, o processo de expansão industrial Blumenauense continuava em ritmo acelerado. Utilizando a novamente Cia. Hering como exemplo, as empresas Blumenauenses expandiram suas unidades fabris por todo o país. Em 1976, com o apoio do governo federal através de recursos da SUDENE, é implantada a unidade Hering do Nordeste S. A. em Paulista, Pernambuco. A partir da década de 80 ocorre um novo declínio nas atividades econômicas e ajustamentos à crise que o país passa, com inflação, déficit, dívida pública e crescimento econômico baixo, o que causou recessão, enfraquecimento no setor industrial e redução do investimento público (CUNHA, 1992).

Reestruturação produtiva (1980-2000)

A partir da década de 1980 as indústrias Blumenauenses, assim como as demais indústrias têxteis do país, começaram a sentir os primeiros efeitos da globalização da economia mundial sobre o modo de produção com a introdução da flexibilidade espacial, submetendo assim essas empresas a um processo de reestruturação produtiva e a reorganização espacial. Em Blumenau, o setor têxtil, que empregava cerca de 40.000 trabalhadores no final da década de 1980, foi reduzido para aproximadamente 25.000 postos de trabalho em 2000, sendo que as grandes empresas foram as que mais demitiram (A Notícia, 03/05/2002). Como a economia de Blumenau se desenvolve principalmente em função das atividades industriais, esse período de reestruturação produtiva ficou muito evidente, gerando novas espacialidades, reorganizando produtivamente o território e alterando as relações de trabalho e as relações sociais. Como não poderia deixar de ser, a possibilidade de perda de uma tradição secular comprometeu a identidade coletiva da população local.

Porém, foi na década de 1990 que o governo federal adotou uma política econômica neoliberal, com a abertura das importações em 1992 e a paridade cambial em 1994. Muitas empresas nacionais faliram nesse período e as que sobreviveram foram compelidas a reestruturação industrial como forma de se reinserirem competitivamente à nova divisão internacional do trabalho. Em Blumenau não poderia ser diferente, com a invasão dos produtos importados, principalmente asiáticos, as empresas de grande porte se reestruturaram durante alguns anos, enquanto pequenas e médias empresas têxteis não sobreviveram ou não tiveram o tempo suficiente para se readaptarem ao novo sistema.

5. Globalização, flexibilidade e patrimônio ameaçado

Em Blumenau, o momento de ruptura de identidade da cidade industrial aparece com os processos de reestruturação que as empresas blumenauenses passaram, assim como as demais indústrias têxteis do país, a partir da globalização e flexibilização da economia mundial, o que significa uma ameaça presente ao patrimônio industrial nacional. Tendo que concorrer subitamente com produtos importados, devido à invasão dos produtos estrangeiros na década de 1990 - principalmente asiáticos no caso da camiseta -, as várias empresas blumenauenses, foram compelidas à reestruturação industrial, buscando alterar a qualidade dos produtos, consolidar marcas e investir na indústria da moda. Essas empresas racionalizaram a administração, diminuíram seus parques fabris, fecharam algumas fábricas e reduziram o número de empregados diretos, terceirizando alguns setores e desverticalizando a produção. Investiram em tecnologia, concentrando-se no beneficiamento e acabamento dos produtos - o que constitui-se em diferencial -, reduzindo custos em outros setores. Fecharam algumas unidades, reduzindo a mão-de-obra direta e a necessidade de espaço físico (CAMPOS; CÁRIO; NICOLAU, 2000).

O período iniciado a partir da década de 1990 forçou essas empresas a processos de reestruturação produtiva, baseados na flexibilidade dos serviços e mudanças tecnológicas. O fechamento de algumas empresas importantes, a transferência de parte da produção para outras cidades e estados e a compra de algumas empresas por grandes grupos nacionais e internacionais são conseqüência desta nova lógica do capital, que diminui a importância cada vez mais do lugar e das pessoas, acelerando assim o processo de desindustrialização local. Com a introdução dos processos de terceirizações e subcontratações das grandes empresas, diminui a necessidade de grande número de operários empregados por essas empresas e de grandes espaços físicos para determinadas funções, como as de confecção, por exemplo. As plantas das fábricas foram enxugadas, deixando um enorme patrimônio edificado sem utilização e, por isso mesmo, correndo o risco de deterioração e de desaparecimento.

Além das empresas diminuírem sua importância para a cidade, todos os equipamentos urbanos e serviços que vivem em função dessas atividades sofrem o efeito em escala, como o desaparecimento das vilas operárias, o fechamento de diversos serviços e a deterioração dos equipamentos e das edificações. A falta de políticas de preservação deste patrimônio industrial, aliada a fraqueza da legislação urbanística existente e a omissão do poder público, torna esses espaços desqualificados para a vida contemporânea e tornam-se objetos de renovação urbana, geralmente com o capital especulativo imobiliário por trás desses discursos. Por isso, a globalização e a flexibilização da economia mundial são ameaças constantes a esse patrimônio industrial, que possuem grande valor arquitetônico e social, representam as diversas fases de desenvolvimento da arquitetura industrial brasileira e possuem profundas relações históricas, culturais e afetivas com a sociedade local.

Diversas conseqüências sociais são decorrentes destes processos, como a demissão em massa de diversos setores produtivos, a perda da identidade do operário fabril, da estabilidade do emprego e dos benefícios sociais que recebiam das empresas. Inúmeras pequenas facções foram criadas, grande parte por ex-funcionários demitidos, para atender a demanda das empresas maiores, porém, o grande problema está na sazonalidade dos serviços encomendados, o que não garante trabalho para o ano todo, fazendo com que os trabalhadores busquem outras alternativas de renda para os períodos de baixa produção. Outro problema grave é a falta de infra-estrutura adequada para os serviços, pois muitas são facções de “fundo de quintal” adaptadas no lote. É assim que as empresas maiores vão transferindo as responsabilidades com os processos de subcontratação de serviços, causando empobrecimento urbano, sócio-econômico e cultural na cidade.

6. A atual situação do patrimônio industrial herdado

Segundo o *Dictionnaire de l'Urbanisme et de l'Aménagement*, *friches urbaines* são “terrenos deixados ao abandono no meio urbano, onde se distinguem as *friches* da periferia urbana, que são terrenos ainda não construídos, mas que não são mais cultivados, esperando uma utilização do tipo urbana das *friches* urbanas no tecido urbano construído, que são parcelas anteriormente construídas, mas que tiveram as edificações demolidas” e *friches industrielles* são “terrenos abandonados pelas indústrias, por estas terem sido realocizadas ou cessado suas atividades. Esta expressão é estendida também para os terrenos ainda ocupados por construções de indústrias, não demolidos, mas inutilizados” (CHOAY; MERLIN, 1988, p. 382). São muitos os efeitos sociais que uma área de *friche* pode refletir: efeitos visuais, espaciais, econômicos, sociais e culturais; depreciação da paisagem urbana; influência nas práticas sociais locais; expulsão de comércio e serviços bairrista; subutilização de infraestrutura, das redes e equipamentos existentes; desvalorização de todo um patrimônio social; marginalização e exclusão dos antigos operários no novo mercado; autonomia e flexibilização com novos valores culturais e perdas de práticas operárias hereditárias (MENDONÇA, 2001).

As empresas que possuem maior importância na estruturação da malha e na memória urbana da cidade referem-se à primeira (1880-1893) e à segunda fase (1922-1936) da industrialização local e devem ser consideradas como elementos primordiais de preservação e de revitalização. Atualmente, essas empresas refletem esses processos de diferentes maneiras, permanecendo ou abandonando seus sítios físicos de implantação, mas sempre deixando resquícios no espaço urbano e na memória coletiva da sociedade local. As paisagens culturais desses espaços ajudam a contar essa história, pelo diálogo da indústria com a natureza ou com a sociedade, pela sua arquitetura que demonstra os diversos períodos da industrialização local ou infelizmente pelos vazios urbanos e industriais deixados.

As empresas tradicionais que se mantêm “independentes”, ou que ainda não foram compradas por algum grande grupo nacional ou internacional, passam por reestruturações de significativa importância, terceirizando vários setores de produção e deixando boa parte de seu patrimônio edificado ocioso num primeiro momento e posteriormente alugando ou vendendo, quando não demolindo, esse imóvel para outros setores de atividade com menor importância e significado para a cidade. Com relação à unidade da matriz da Cia. Hering, localizada no Vale do Bom Retiro, a malharia e a parte administrativa estão em funcionamento, alguns edifícios históricos permanecem preservados, como o edifício da antiga costura (1897), o edifício da antiga fiação (1917), o antigo refeitório dos operários com a técnica construtiva do enxaimel e algumas das primeiras residências da família Hering. O complexo havia ganhado uma série de intervenções, projetadas pelo arquiteto Hans Broos e com paisagismo de Roberto Burle Marx que qualificaram e humanizaram o espaço industrial na década de 1970. Os edifícios preservados acima citados encontram-se vazios neste momento, a espera de algum tipo de restauro. O setor de fiação foi desativado há alguns anos, porém os edifícios e o maquinário ainda pertencem à empresa, que tenta alugar estes edifícios. O edifício principal da antiga fiação é de grande valor arquitetônico, e por estar localizado na Rua Hermann Hering, é o cartão de chegada do complexo industrial da Cia. Hering. Logo, deve ser preservado, restaurado e servir como elemento de valorização do conjunto arquitetônico-urbanístico da empresa, de memória coletiva para os trabalhadores têxteis e de memória urbana para o espaço urbano da cidade.



Imagem 03: Imagens do complexo industrial da matriz da Cia. Hering (Fonte: H. Broos S/C).

A matriz da Karsten, localizada às margens do Ribeirão do Testo, também passa por diversos processos de reestruturação, profissionalizando seu modelo de gestão. Mantêm a implantação original com sucessivas novas edificações incorporadas ao núcleo inicial e continua contribuindo parcialmente com a população local, porém não preservou seus edifícios históricos mais significativos. Sua localização mais retirada das áreas urbanas faz com que o complexo industrial permaneça com algumas características da ocupação inicial, com uma aglomeração industrial maior, num sítio físico privilegiado, com exuberante natureza ao seu redor, demonstrando a forma como se apropriou da paisagem.



Imagem 04: Imagens do complexo industrial da Karsten (Fonte: Karsten S.A. e B. Brasil).

Os processos de fusão e incorporação de empresas tradicionais por grandes grupos nacionais ou internacionais, como foi o caso da Artex, implica em mudanças tecnológicas, modernização, substituição ou transferência dos parques fabris, e é uma realidade que coloca em risco a manutenção do patrimônio edificado, da memória coletiva e da história urbano-industrial de Blumenau. A Artex incorporou a E.I. Garcia em 1974. Em 1994, a família proprietária perde o controle acionário da Artex, que é vendida para o grupo GP Investimentos (Garantia Partners, sócios do Banco Garantia), que em 2000 vende para o grupo Coteminas. A perda da identidade do local já pode ser notada hoje.



Imagem 05: Imagens do complexo industrial da ex-E.I.Garcia e Artex (Fonte: Day, 2008).

Processos de substituição de grandes plantas industriais, decorrentes das terceirizações e de reestruturações, significam uma ameaça presente ao patrimônio industrial nacional. Diferentemente aos países desenvolvidos, as cidades brasileiras conhecem rápidos processos substitutivos - decorrentes da fraqueza da legislação urbanística que permite uma acelerada dinâmica do capital imobiliário -, o que transforma o tempo numa variável determinante da manutenção da memória urbana. Atualmente parte do espaço industrial herdado ainda preservado convive com grandes áreas de abandono de um rico patrimônio industrial, indicando que, se um alerta não for seriamente dado, os habitantes de Blumenau e de muitas cidades fabris perderão definitivamente o elo com seus traços históricos. As intervenções neste sentido têm que se fazerem presentes já.

Um bom exemplo de como as empresas continuam influenciando no espaço urbano - seja pela sua presença física no local ou em alguns terrenos que foram deixados ao abandono pela falta de uma política voltada a preservação do patrimônio industrial e principalmente, da memória coletiva da população local - é o espaço urbano compreendido entre as pontes do Tamarindo e da Itoupava Norte, no bairro Itoupava Seca, local de implantação da maioria das empresas da segunda fase da industrialização blumenauense, no período entre guerras, de 1922 à 1935. A ocupação desse espaço se deve ao grande investimento em infra-estrutura que ocorreu nesta área, pela expansão do centro urbano e comercial, a introdução da energia elétrica e a implantação da ferrovia. Neste espaço se implantaram diversos tipos de atividades além dos têxteis, e que com o tempo foram se deslocando para outros lugares e deixando diversos terrenos abandonados ou vazios. Neste mesmo espaço, temos exemplos de vazios urbanos, ruínas industriais e terrenos à disposição da especulação imobiliária deixados pela transferência ou falência das empresas. É nesse espaço que temos a ameaça imediata de renovação urbana, com a demolição de edificações industriais e sucateamento de parques fabris.

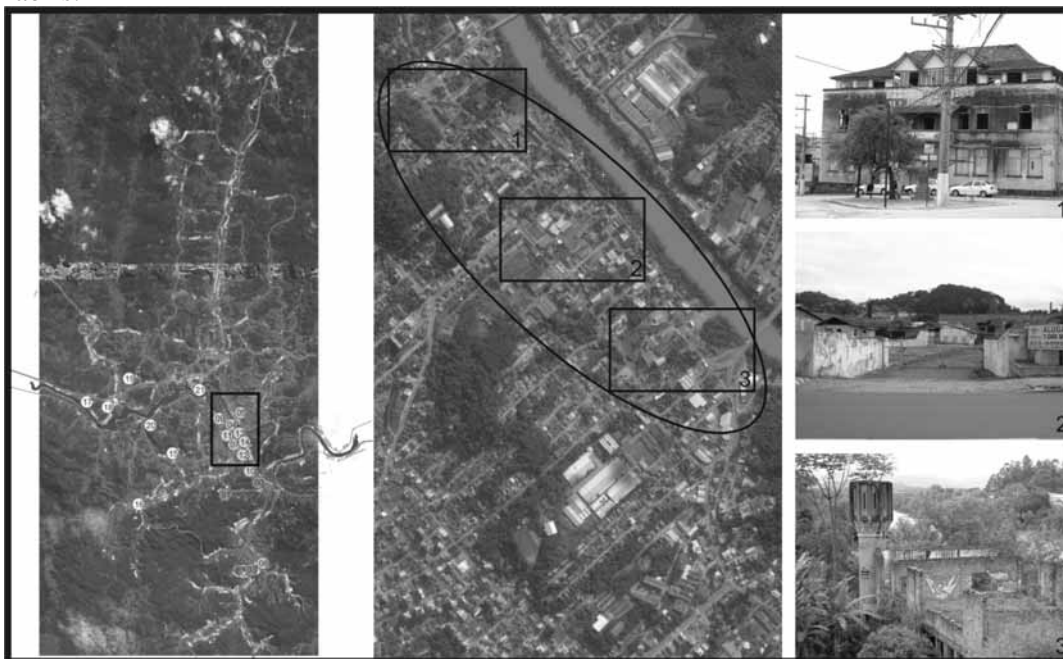


Imagem 06: Imagens da localização de terrenos com vazios industriais (1), vazios urbanos (2) e ruínas industriais (3), causados pelo abandono ou deslocamento das empresas na Itoupava Seca (Fonte: www.wikimapia.org, 2008). Elaboração: B. Brasil.

A velocidade desta renovação urbana pode ser atestada pelo caso da Gaitas Hering, empresa fundada em 1923 por Alfred Hering e dedicada à fabricação de instrumentos musicais como a Harmônica de boca. Essa empresa teve suas ações vendidas pela família Hering em 1966 para a empresa alemã Hohner, que vendeu novamente a grupos acionistas brasileiros em 1979, época em que foi a maior concentração de brinquedos e instrumentos musicais do país. Passou por vários grupos acionistas e modificou sua linha de produção, até que faliu em 1991. Em 1996 as harmônicas Hering passaram a ser fabricadas pela Fábrica de Harmônicas Catarinense Ltda, em novas instalações. Atualmente a marca permanece, com o enfoque nos 85 anos de existência e seus produtos são exportados para 30 países, principalmente para a Europa e os E.E.U.U., porém, seu patrimônio edificado foi destruído, sem respeito a história local, num processo de abandono que durou mais de dez anos e nenhuma providencia foi tomada.



Imagem 07: Imagens da antiga Gaitas Hering e seu patrimônio edificado destruído, sem respeito à história local, num processo de abandono que durou quinze anos, desde seu fechamento em 1990, onde nenhuma providência foi tomada com relação à sua preservação (Fonte: Jornal de Santa Catarina, 05/12/2005).

Assim como no setor têxtil, o setor de brinquedos local sofreu com a abertura do mercado e a chegada dos produtos importados, causando o fechamento da empresa no início da década de 1990. Num terreno de 15 mil metros quadrados, localizado num dos principais pontos de conexão da cidade, que liga a área central à BR-470 e demais Itoupavas, um impasse no processo de desapropriação entre os advogados da massa falida e a prefeitura de Blumenau, foi longo demais. A preocupação na época em se preservar ao menos a fachada frontal da edificação que abrigaria um Museu da Indústria foi descartada, pois sem nenhuma política de manutenção desse patrimônio industrial, o espaço foi abandonado, ocupado por mendigos, depredado por vândalos, a estrutura foi comprometida, a cobertura desabou, uma das paredes de sustentação caiu e os moradores locais já não queriam mais aquelas “ruínas industriais” que causavam insegurança. Foi autorizada então, a demolição da parte restante do edifício principal pelo juiz responsável pela massa falida em 2005 e posteriormente os demais edifícios auxiliares também foram destruídos, e dessa vez, apenas com a promessa de ser feita uma praça pública, que veio a se realizar apenas no ano eleitoral de 2008.

Algumas unidades industriais foram desativadas em Blumenau, constituindo um patrimônio imobiliário que, se não for valorizado tende a ser abandonado, demolido ou modificado, sem respeito à história urbano-industrial do município e mesmo microrregional, como foi o caso do conjunto de edifícios da antiga Gaitas Hering. Se não forem rapidamente valorizados estes patrimônios industriais, construídos ao longo dos anos e de forma peculiar pelo trabalho de sucessivas gerações de descendentes destas populações imigrantes, corre-se grande risco de sua memória se perder no tempo. Por isso, é necessária uma rápida reciclagem desses edifícios em desuso para que se possa resgatar alguns valores esquecidos após todo esse processo de reestruturação pelos quais as empresas brasileiras tiveram que passar. A contribuição social com o resgate da memória ou a volta de integração entre a comunidade e as empresas locais é uma forma de valorizar o trabalho.

Com relação ao atual modelo de gestão do território blumenauense, podemos perceber que a memória urbana da cidade está ameaçada, visto que as principais formas de implantações, adaptações ao meio existente, ampliações e alterações urbanísticas e arquitetônicas, ocorreram nas partes mais antigas da cidade. Se essas áreas não forem preservadas, ao invés de serem substituídas para atender aos interesses imediatos dos especuladores, com o aval do poder público, os desastres serão cada vez maiores e mais intensos, inclusive os ambientais, como o ocorrido em 2008. O poder público deve valorizar e preservar essas áreas, adequando seus usos para a manutenção e desenvolvimento da cultura local ao invés de importar modelos exteriores ao meio em que está inserido.

Da implantação da malha agrícola inicial, do desenvolvimento comercial e industrial, alinhavando com os diversos sinais das crises ambientais e econômicas, é necessário um enfoque em ações nessas áreas de grande valor patrimonial e cultural, que são, também, objeto de maior especulação imobiliária, visto a infra-estrutura existente, e que, portanto,

sofrem grande ameaça da perda de identidade do seu conjunto. A proteção legal, além de ser um instrumento importante para a recuperação do patrimônio industrial, pode colaborar com medidas preventivas.

Contrariando a própria história da cidade, o atual modelo de planejamento e gestão do território não leva em consideração a importância desse conjunto de Patrimônio Industrial descrito anteriormente e de fundamental importância para a memória urbana e coletiva da sociedade local, bem como, das futuras gerações. Preservando as áreas mais antigas com suas grandes encostas da região Central-Sul da cidade, limitando as ocupações irregulares, implantando um modelo de gestão ambiental adaptado às necessidades locais e investindo em infra-estrutura, serviços, transporte coletivo, habitação e oportunidades de emprego na “cidade nova” pode-se ter um modelo de cidade que valorize sua memória urbana, onde se poderá ler a paisagem cultural composta pelas diversas fases de expansão de desenvolvimento sócio-econômico e cultural de Blumenau. Resta, frente às evidências, reverter o fluxo dos acontecimentos e decidir pela valorização da paisagem cultural.

7. Referências Bibliográficas:

- BRAVERMAN, Harry. **Trabalho e capital monopolista**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- CAMPOS, Renato R.; CÁRIO, Silvio A. F.; NICOLAU, José A. **Arranjo Produtivo Têxtil-Vestuário do Vale do Itajaí/SC**. Rio de Janeiro, 2000. Disponível em: <<http://www.bndes.gov.br/conhecimento/notatec/ntec18.pdf>>. Acesso em: 01 julho 2008.
- CHOAY, Françoise; MERLIN, Pierre. *Dictionnaire de l'urbanisme et de l'aménagement*. Paris: PUF, 1988.
- CASTELLS, Manuel. **A questão urbana**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1999.
- HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- HARVEY, David. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo: Loyola, 1998.
- HERING, Ingo. Indústrias. Desenvolvimento da indústria de Blumenau. **Centenário de Blumenau: 1850 – 2 de Setembro – 1950**. Blumenau, [s.n.], 1950.
- HELLER, Agnes. **O Cotidiano e a história**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.
- JEUDY, Henri-Pierre. **Espelho das Cidades**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.
- JEUDY, Henri-Pierre. **Memórias do Social**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.
- LEFEBVRE, Henri. **O Direito à Cidade**. São Paulo: Editora Moraes, 1991.
- LE GOFF, Jacques. **Historia e memória**. Campinas: UNICAMP, 1992.
- MAMIGONIAN, Armem. Estudo geográfico das indústrias de Blumenau. **Revista Brasileira de Geografia**. Rio de Janeiro, n.3, ano XXVIII, 1965.
- MENDONÇA, Adalton M. Vazios e ruínas industriais. Ensaio sobre friches urbaines. **Arquitextos**, São Paulo, v.14, n.83, 2001. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/esp083.asp>>. Acesso em: 01 julho 2008.
- PIMENTA, Margareth C. A. A expansão da atividade têxtil e da confecção em Santa Catarina. **Revista Geosul**. Florianópolis, v.11, n.21/22, 1996.
- PIMENTA, Margareth C. A. Cultura teuto-brasileira e a cidade industrial de Blumenau em Santa Catarina. **Revista Dynamis**. Blumenau, V.6, n.24, pág. 62 a 83, Julho-Setembro 1998, Editora da FURB, 1998.
- SANTOS, Milton. **Pensando o Espaço do homem**. São Paulo: Hucitec, 1982.
- SANTOS, Milton. **Espaço e Método**. São Paulo: Nobel, 1985.
- SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.
- SEYFERTH, Giralda. **Fazer a América**. São Paulo: EDUSP, 2000.